

ENTREVISTA*

Alix Renaud é presidente da Associação Haitiana em Québec. Além de especialista em lingüística, é tradutor, crítico literário e declamador de poemas. Poeta, dramaturgo, romancista. Com 45 anos, parece um menino bem-comportado e estudioso.

Esta entrevista trata principalmente do seu romance *A Corps joie*, editado em Québec pela Nouvelle Optique.

O interesse por tal entrevista nasceu da leitura de um artigo de Jean Jonaissant sobre o romance *A Corps joie*, que suscitou críticas de feministas canadenses, e principalmente de uma revista feminista - *La Vie en Rose*, que assim julgou a capa do livro: "La publicité prévue pour cette page reçue à la dernière minute n'est pas publiée parce que jugée très sexiste" (A publicidade prevista para esta matéria recebida de última hora não foi publicada por ter sido julgada muito sexista). No Canadá, fazendo justamente uma pesquisa sobre a literatura feminina/feminista "québécoise", interessei-me imediatamente em registrar esclarecimentos do autor, quanto ao fato, complementando este registro com uma tradução do seu poema *Grâces*, cuja tradução em português o Autor me solicitou que fizesse. Tive imenso prazer em trabalhar com esse belíssimo poema sobre a mulher.

Dando início à entrevista, usei como primeira pergunta o próprio título do artigo de Jean Jonaissant.

● "O futuro do romance 'québécois' seria mestiço?"

- Acredito que o futuro do romance "québécois" será forçosamente mestiço, já que há uma diminuição de natalidade, e cada vez mais, imigrantes vêm se instalar aqui. Forçosamente, esses imigrantes vão trazer suas artes, suas culturas, seus folclores, seus passados e as suas preocupações também. Teremos como resultado uma sociedade forçosamente mestiça, que terá como consequência uma literatura mestiça. É evidente que os primeiros escritores estrangeiros que começaram a escrever se dirigiram a um público "québécois", um público ainda não mestiço. Esta realidade evoluiu nos últimos 20 anos. O aspecto mestiço só pode fazer bem à literatura "québécoise", permitindo-lhe atingir a universalidade.

● Jonaissant fala de um silêncio e de um boicote sutil ao romance

(*) Realizada em francês, por Raimunda Bedasee (profª do Dep. de Letras e Artes - UEFS), na Universidade de Laval - Québec/ Canadá, em fevereiro de 1989, e gravada em fita cassete. A tradução foi feita, também, pela entrevistadora.

A Corps Joie.

- De fato, isto não é impossível. Quando o romance apareceu, como eu te dizia há pouco, eu fiquei furioso com o editor por causa da capa. Quando fui ao Salão do Livro de Jonquières Chicoutimi, me disseram que na véspera algumas feministas chegaram e viraram a capa do livro para baixo* para protestar contra a mesma, que elas consideravam ousada e até mesmo escandalosa e degradante para a mulher. Tenho duas maneiras de analisar o fato: primeiramente considerei a atitude um pouco infantil, já que o autor não é forçosamente o autor da capa, e elas não sabiam evidentemente que eu era contra a capa e que não tinha dado meu consentimento. Além disso, acho que não se faz o julgamento de um livro pela sua capa. Segundo, se fosse preciso que o livro tivesse uma outra capa, como o fiz aliás, teria que ser uma capa sóbria para não orientar o leitor numa direção errada. Este livro é um livro de alegria e, se ele suscitar reações violentas, não está sendo compreendido.

● No prefácio você fala de uma não-violência, no entanto, acho que, quando a personagem masculina esbofeteia uma mulher sem mesmo ter uma razão, é violência. Você não acha que isto é violência?

- Esta bofetada foi apresentada como uma reação humana espontânea, assim como Stéphanie poderia ter esbofeteado Rudy. Não tento justificá-lo, mas havia a intenção neste romance de não-violência. Nós ficamos sabendo da bofetada através de um relato de Stéphanie. Nós não vemos a bofetada: não há reação, dentes quebrados ou o que quer que seja. Logo, para mim, não se trata de violência, é expressão de uma reação viva de uma personagem. Stéphanie também poderia ter esbofeteado Rudy.

● Quando você escreveu o romance, você pensou na reação das feministas? Estou certa de que você tem conhecimento de que qualquer violência contra a mulher é considerada como machista e até mesmo sexista, visto que na literatura há quase sempre violência do homem contra a mulher, mas não da mulher contra o homem.

- Esta pergunta requer várias respostas. Primeiramente, quando escrevi o livro, não pensei nas feministas. Foi em 1980, e nesta época ainda não havia essa onda de protesto contra o que as mulheres chamam de pornografia, e este romance foi de uma certa maneira inovador. Ele tem três intenções: primeiro, escrever um romance que seja

(*) Trata-se de uma mulher da cintura para cima, nua.

ousado, sem ser pornográfico, é um romance que tem uma estória, e não simplesmente a descrição de atos sexuais. Segundo, fazer com que o romance fosse o mais longo possível, sem que aí víssemos feiúra, mas sim a doçura, qualquer que seja o vocabulário empregado, cru ou não, mas que se sinta que há amor, admiração e não um sentimento de degradação. Terceiro, não há cenas repetidas, não há complacência na descrição do ato sexual. Posso complementar dizendo que as pessoas viram o lado fortemente erótico do romance, sem perceber que há outros aspectos: o desejo de viver, de escapar a toda espécie de limitação. Somente a personagem masculina Rudy tem uma linguagem crua, enquanto que as outras personagens femininas têm uma linguagem bem mais suave e isto domina o romance, e no entanto, é o outro aspecto que as pessoas notam. Será que já não havia uma opinião formada?

● Este é um outro ponto importante dentro de uma leitura feminina. Os homens atribuem às mulheres adjetivos pouco gentis. Durante uma certa cena, Rudy chama Sonja dizendo: "Vem, escrava".

- Você se lembra da reação de Sonja neste momento?

● Ela lhe diz enfaticamente para não chamá-la assim.

- É isso.

● Mas depois ele emprega outros termos ainda mais crus e ela aceita.

- Justamente, o que eu quis mostrar é que este homem, que é um homem como outro qualquer, que não tem nada de excepcional, se encontrou dentro de uma série de circunstâncias e agiu dentro do contexto, o que agradou a Sonja. Ela notou que ele tinha alguma coisa de diferente. No entanto Sonja é o protótipo da mulher completamente liberada e Rudy não é um modelo de machismo e foi o que talvez lhe valeu a simpatia das três mulheres. Quando ele utiliza palavras cruas, elas têm uma conotação afetiva e são utilizadas num contexto preciso. É preciso compreender que num romance erótico, num romance de amor, quando dois ou três personagens se encontram num leito, estas palavras não têm o mesmo sentido que elas teriam na rua.

● Você já empregou a palavra "amor" duas vezes. O que é amor? No final do seu romance, um homem termina ficando com três mulheres.

- O que é amor? É o sentimento mais maravilhoso que pode existir, é o que nos permite comunicar com outra pessoa...

● Você disse "outra pessoa", e não, "outras pessoas".

- Eu não tinha terminado... com outra pessoa ou com outras pessoas, porque há uma coisa que não podemos perder de vista. A idéia de exclusividade e a de fidelidade não são idéias tradicionais, são idéias que nos foram passadas pelo judeu - cristianismo e não tem, na verdade, muito tempo. A igreja nos fala de fidelidade, eternidade, do sacramento. É uma coisa artificial. No meu entender, quando um homem responde ao seu instinto, ele pode amar várias mulheres, e a mulher também pode amar vários homens. Frequentemente se diz "não é do meu temperamento", tomando-se por temperamento o que é, com efeito, condicionamentos que datam de vários séculos.

● No seu artigo, Jonassaint repete o que René Depestre teria dito: "... as pessoas de origem haitiana são formadas num meio onde o erotismo constitui um dos componentes da sensualidade...".

Você não acha que esta definição pode estereotipar o povo de raça negra e que este estereótipo atingiria mais ainda as mulheres?

- Eu compreendo esta reação muito bem. Seria preciso considerar que, queiramos ou não, os climas predispõem as pessoas para esta ou aquela reação. É a primeira coisa. Em segundo lugar, há evidentemente um condicionamento, há também os genes que se misturam, de um povo com o outro, toda uma bagagem genética que temos.

● Passemos ao poema *Grâces*. Quando li este poema pela primeira vez, pensei em Baudelaire. Você teria alguma coisa a dizer sobre isto?

- (Ele ri). Isso me dá prazer. Não, eu não pensei em nenhum poeta ao escrever este poema. Acho que pensei nesta grande admiração, quase veneração que tenho pelas mulheres, que me parecem ser, efetivamente, superiores e estar à nossa frente pelo menos em alguns séculos. Não digo isso para agradar às mulheres, é uma coisa que eu repito desde criança.

● Acho lindíssimo seu poema *Grâces*, porém fico um pouco decepcionado quando no final você usa a palavra "mulher" no plural.

- Se escrevi "mulheres" no plural, foi simplesmente porque eu acredi-

to que no fim da vida nenhum ser humano está em condições de considerar o ideal. Quando falo no fim da vida, eu me refiro aos minutos que precedem a morte, e se é assaltado por uma série de sentimentos desordenados e acredito que não se tem mais capacidade de ordenar tudo isto, ou de dizer "eu prefiro esta mulher a todas as outras". Eu quis demonstrar um homem assaltado não por sentimentos de pânico, mas de alegria e de lembranças agradáveis, que lhe permitem "transpor" de uma maneira divina.

● Na Universidade, já fiz uma leitura com meus alunos de um dos seus contos, *Les grands moyens*.

- Está sendo feita agora, justamente, uma adaptação cinematográfica deste conto, por uma companhia cinematográfica de Québec. Será um curta-metragem.

● Seu estilo é excelente. De onde vem esta facilidade que você tem de contar uma estória? Seria a oralidade, sua origem haitiana?

- Talvez tenha um pouco de tudo isso. É que eu adoro as estórias, quer elas sejam engraçadas ou tristes, mas eu gosto de ouvi-las e de contá-las. Além disso meu pai era contista e poeta. O que me influenciou foi a maneira com a qual eu encaro o conto: pela definição que é dada ao soneto, há uma queda no soneto; portanto uma surpresa. Quando escrevo um conto, sem falsa modéstia e sem pretensão, gosto que seja bem escrito, que seja como uma pequena jóia.

● E o seu humor, de onde vem?

- (Ele ri). O humor? Ah! Isso eu ignoro. Enfim, eu gosto de me divertir e tento divertir os outros.

● Bom, agradeço imensamente você ter me concedido esta entrevista. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

- Posso dizer que *A Corps joie* é um romance que fiz com amor com A maiúsculo e no plural, se preciso, mas é amor.

GRAÇAS*

Bendita sejas mulher, ó mulher,
mulher transfigurada,
corpo absoluto,
carne votiva

Bendita seja a febre e bendito o silêncio
onde teu gosto piedoso
semeia em nosso leito
feixes de luz

Bendito seja o teu nome, mulher, benditas estas ancas
mais povoadas que o céu e a terra reunidos,
elas são um altar
templo de hoje e templo de amanhã,
onde vejo os tempos se perderem de júbilo,
quando amo e as tuas entranhas
minam de felicidade

Bendita sejas mulher, ó mulher,
mulher transfigurada,
corpo absoluto,
carne votiva

E bendita seja a gruta onde meu corpo estremecido
se obstina de prazer no apogeu do êxtase,
bendita seja a gruta onde nossas carnes se confundem
e conspiram esta nossa vertigem
entrecortada de espasmos loucos
conspirando a agitação que
nos extenuará, mulher, ó mulher transfigurada

Quando eu tiver que,
no porto da minha velhice,
içar as velas para ir além,
mulheres, o lençol úmido onde nos acolhemos
ainda impregnado do perfume de tuas noites,
que ele seja minha mortalha
assim como foi o berço de minhas horas felizes

(*) Autor : Alix Renaud
Tradução : Raimunda Bedasee